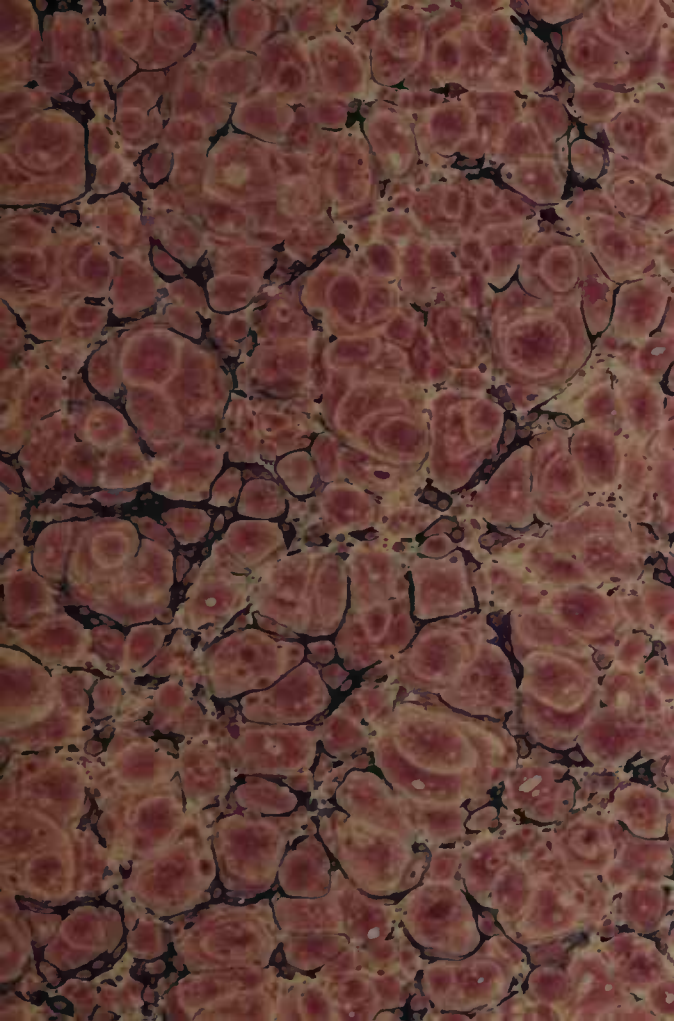




EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES









A DOENÇA.  
POEMA  
OFFERECIDO A' GRATIDÃO  
POR  
LERENO SELINUNTINO  
*DA ARCADIA DE ROMA,*  
ALIAS  
D. C. B.



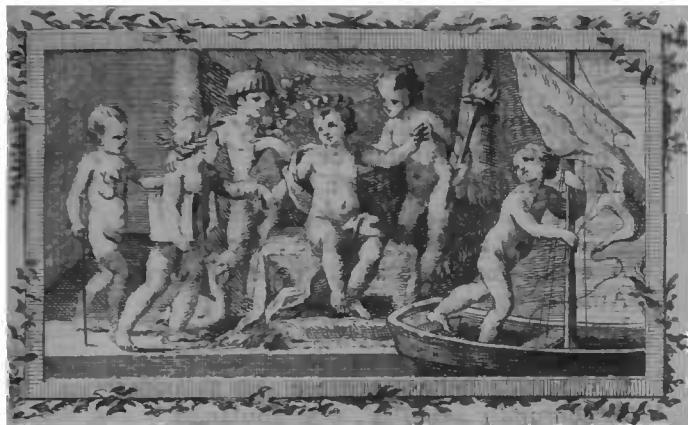
LISBOA  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.  
ANNO MDCLXXVII.

---

*Com licença da Real Meza Censoria.*







## CANTO I.

**S**E houver algum mortal, que possa tanto,  
Que ouvindo a minha voz reprima o pranto,  
Applique o duro coração, e ouvidos,  
E ouvirá nos meus versos os gemidos,  
Os tristíffimos ais, e altos clamores,  
As duras afflicções, e agudas dores,  
Que o miseravel Caldas supportára;  
Até, que déstta mão destroe, separa,  
Com apressado, e horroroso córte,  
Grosso tumor, que lhe ameaça a morte.

E tu, claro Inventor da Medicina,  
Prepara-me huma voz do assumpto digna,  
Da qual possa escutar o terno amigo,

A ii

Qual

Qual foi a dor, qual foi o seu perigo,  
 Qual a horrivel molestia, qual a cura;  
 E depois de justissima ternura,  
 Possa com milagrosa Poezia  
 Encher-lhe o peito, e a alma de alegria.

Amavel gratidão, influe, soccorre  
 A quem por entre as afflicções discorre.  
 Amavel gratidão, tu desde o peito,  
 Em que gostosa habitação tens feito,  
 As ~~tuas~~ fracas vozes fortalece;  
 E repartida nellas apparece  
 A confundir aquelles, que abusando  
 Do teu sagrado nome venerando,  
 Nunca te derão no seu peito entrada,  
 E usão de vil mentira disfarçada;  
 Animos ferreos, onde mora o vicio,  
 E que abrandar não póde o beneficio;  
 Amavel gratidão, por ti escrevo,  
 É o rude verso dedicar-te eu devo.

Passava alegres dias socegado  
 O perseguido Caldas, abrigado  
 Na Casa dos Illustres Vasconcellos,  
 Sem mais outro cuidado, outros disvellos,  
 Que seguir seus diçtames sabios justos,  
 Contando alegre os repassados sustos;  
 Estimando a barreira achar segura,  
 Que oppuzesse ás desordens da ventura.  
 Tinha visto fugir miseria, e fome  
 Daquelles, que invocavão o alto nome

Dos seus bons Protectores ; e elle via  
 Que a santa piedade residia  
 Naquelle Illustre Casa, como em Templo :  
 Elle mesmo se olhava como exemplo  
 De'es, que n'outra parte desgraçados  
 Alli se virão logo affortunados.

Já com a falsa mascara de amigo,  
 Quem não o fôra, quando o vio mendigo,  
 Lhe fazia visitas dilatadas,  
 Via as portas abertas, que fechadas  
 Tinha achado co'a miêra pobreza.  
 A que não precisava lauta meza  
 Ancioso hum, e outro lhe offerecia,  
 Já sua alegre Musa mais se ouvia:  
 Tinha nos olhos seus seccado o pranto,  
 E da boca soltava o doce canto,  
 A que todos gostosos se chegavão,  
 E as faceis cantilenas decoravão,  
 Que elle tinha composto, e repetido:  
 Era honrado de muitos, e applaudido:  
 Nas Assembléas grandes, e pomposas  
 Hum pedia as cantigas, outro as glosas,  
 E em contínuas honestas companhias  
 Passava, eu já o disse, alegres dias.

Mas a Deidade barbara, e tyrana,  
 Que gosta de affligir a gente humana,  
 Que se ceva do pranto dos mortais,  
 E a quem alegre o som de tristes ais,  
 E o eco de tristissimos gemidos,

Por quem os homens são ao alto erguidos,  
 E em hum momento são precipitados,  
 Que tem duros Ministros preparados,  
 Para que a seu capricho os atormentem,  
 E novos modos de afflicção inventem;  
 Não podendo soffrer tanto focego,  
 Fez de todo o rancor hum novo emprego  
 No descançado Caldas; e chamando  
 De seus Ministros o terrivel bando,  
 Sentada sobre o throno sanguinoso,  
 Que he aos pobres mortaes sempre horroroso,  
 Dando a beijar a palla do Cothurno,  
 Ordena que se assentem por seu turno,  
 E irosa a hum, e outro a dedo aponta,  
 E quer lhe dem de seus officios conta.

Depois de dar signal de vassallagem  
 Mofadora, e voraz Libertinagem,  
 Mãi dos vicios crueis, que em poucos annos  
 Destroem honra, e vida dos humanos,  
 Soltando a voz do tremebundo peito,  
 Assim conta os progressos, que tem feito.

O' arbitra do Mundo, que dispendes  
 Os bens, e os males, quando a mão estendes;  
 Que nos reges a nós, que nos governas  
 Por immutaveis leis do Fado eternas:  
 Mandaste, e eu espalhei por toda a terra  
 Meus filhos a fazer-lhe acceza guerra.

Este, (e a hum apontou, que está sentado  
 Im-

Immediato a ella ao dextro lado ; )  
 Este , que vez o monstro das torpezas ,  
 Tem milhões d'almas nos seus laços prezas ,  
 Traz os homens afflictos devorados  
 Por tristezas , e ardentissimos cuidados ,  
 E a mil varões de celebrado nome  
 Entre fardida chamma elle confome.

Este (apontando ao Luxo) este femêa  
 Nos váos mortaes aparatosa idéa ,  
 Faz com que o pobre ao rico em fasto imite ,  
 Que hum rico a outro rico inveja excite :  
 O orgulho os trastes compra , a fome os vende ,  
 E o teu habil Ministro enão accende  
 A voraz ambição dos acrédores ;  
 Tudo confome em fim , e entre os horrores  
 Do cáos da miseria precipita  
 A multidão de stultos infinita.

Este , que traz nas mãos cartas , e dados ,  
 A mil felices torna em desgraçados ;  
 Do dinheiro os despoja , e dos vestidos ,  
 E os deixa a mil baixezas reduzidos :  
 Com falsa sorte os faz erguer aos ares ,  
 E depois opprimindo-os c'os azares ,  
 Os faz deixar no armado taboleiro ,  
 O fasto , e a alegria co' o dinheiro.

Aos impulsos de minha filha a Ira  
 Meio mundo frenetico delira ,  
 E por cousa bem pouca os váos mortaes

Vão arrancar a vida aos seus iguaes.

A tumida Soberba ao Mundo fahe,  
 Nutre-se em corações, que a si attrahe;  
 E os homens esquecendo o antigo barro,  
 Sobem gostosos ao brilhante carro:  
 Dalli o seu orgulho elles celebrão;  
 Mas ou co' o pezo as fracas rodas quebrão,  
 Ou tanto de os soffrer ella se enoja,  
 Que os mesmos que elevou, ao chão arroja;  
 Tu os verás as honras procurando,  
 E em fumosas fantasmas tropeçando.

Todos os mais meus filhos, e os sequazes,  
 Que tens á tua vista, são capazes  
 De quanto lhe ordenares: sim, dispõe  
 Qualquer estranha empreza, as leis impõe,  
 Tu promptos nos verás ao teu asseno  
 Ir derramar o livido veneno,  
 Com que os fracos mortaes são corrompidos;  
 E cedo chegarão aos teus ouvidos  
 Os seus dolorosísimos clamores.

Eu tomando fingidos resplendores  
 Da pura, e da innocente liberdade,  
 Trarei a inexperta mocidade  
 De mal seguros, e de incertos passos  
 A quantos sei armar temiveis laços:  
 Dos mais que mudar sabem fórma, e gésto,  
 Confia, ó Nume, sim, confia o resto.

A Deosa vária os olhos revolvendo,  
 Desgrenhando os cabellos, e mordendo  
 Os beiços, lança a vista a toda a falla,  
 Impõe silencio, e desta forte falla.

Nos volumes fataes, que tem descritos  
 Quantos por vossas mãos tem sido afflictos,  
 Não leio os grandes nomes d'huns mortais,  
 Que eu desejava confundir c'os mais:  
 Pusillanimes vós; a vossa empreza  
 He invadir a mísera fraqueza  
 Dos mais débeis humanos, quando aos fortes  
 Não dirigis as horridas cohortes,  
 E he quando as dirigis tão fracamente,  
 Que de vós não faz caso o heróe prudente.

Inda hum fraco mortal, que eu perseguia,  
 E a amiudados golpes affligia,  
 Em quem as afflicções eu ensaiava,  
 Que para os outros homens preparava,  
 De vós o confiei, e este inimigo  
 Das mãos vos escapou; tem por abrigo  
 A casa do Illustrissimo Calheta,  
 E alli zomba este mísero Poeta  
 (Como de parte a meu poder izenta)  
 Da minha lei horrivel, e cruenta,  
 E até chega a julgar parte segura  
 Ao invencivel braço da ventura.

O nome Vasconcellos sempre acclama,  
 Mofa do meu poder, e até me chama

Hu'a

Hu'a quimera vá, hu'a impostora,  
 E nem roga os meus dons, e nem me adora,  
 Soffreis (que horror!) soffreis estes in ultos  
 Zombar de vós, e a mim negar-me os cultos!

Os mesmos Vasconcellos, que o abrigão,  
 Os mesmos Vasconcellos, fim, que o digão,  
 Senão soffrêrão a pezada, e dura  
 Mão cruel da malevola ventura,  
 Quando depuz de junto ao throno augusto  
 O seu grande Luiz cheio de fulto,  
 E fiz que estranho azylo mendigando  
 Reconhecesse o meu poder, e mando?  
 Ide daquelles lares arrancallo,  
 Ou junto aos Protectores devorallo,  
 De diversas paixões trazello afflicto,  
 Eu vo-lo mando assim; mais não repito.

Ouvindo o nome só de Vasconcellos,  
 Tornárão-se enfiados, e amarellos  
 Todos os vicios, todos murmurárão,  
 E á arriscada empreza se negárão.

Então eu vi alçar-se spectro informe  
 De horrído aspecto, e de hu'a voz enorme:  
 Ornão poucos cabellos a cabeça,  
 E da mirrada testa lhe começa  
 Na borbulhosa pélle hu'a côr pállida;  
 Huns encovados olhos, barba esqualida;  
 Da carcomida boca respirando  
 Hum alito pestifero, e nefando;



Corpo escarnado, e pernas, braços, pulsos  
 Em movimentos tremulos convulsos,  
 Que na mirrhada dextra tem pendente  
 Cofre de males, com que afflige a gente;  
 E este monstro mortifero, hediondo  
 Da mão esquerda o dedo á boca impondo,  
 Mais ferendo a triste catadura,  
 Dirigio estas vozes á ventura.

Q' ardua empreza propões? quanto se engana  
 Quem não distingue a vaga gente humana!

Tu misturas os feixos c'os diamantes,  
 Os homens fracos c'os varões constantes,  
 A quem não faz a forte, que se mude  
 A paz, que n'alma põe a sã virtude.

João Rodrigues, e Luiz de Vasconcellos;  
 E outros da mesma stirpe são modéllos  
 Daquelles, que não crem nos teus prazeres,  
 E deiprezão (eu fei) os teus poderes.

Lembra-me quanto acerba fulminaste  
 Contra o grande Luiz, que desterraste  
 Da amada Patria, que lhe deve tanto;  
 Porém tu mesma viste com espanto,  
 Confessa-o, sim, confessa, não te cales,  
 Tanto estimou teus bens, como os teus males.

A paz constante, que o seu peito enferra  
 No soberbo theatro de Inglaterra,

Ad-

Admirarão os Lords; a Catharina  
 Elle he que evita a ultima ruina.  
 Rei enganado, debes confessallo,  
 Ninguem ioube melhor ser bom vassallo.

Conhece, e vê, confusa Carthagená,  
 No gésto de João a paz serena?  
 Pudeste reduzillo a vil tormento;  
 Mas nem por hum brevissimo momento  
 Fizeste que piedade te implorasse;  
 Nem muda o coração, nem turba a face  
 Teu lisonjeiro premio, ou teu castigo:  
 Da sua honra, e sua Patria amigo  
 Só procura servilla, não procura  
 Os bens falsos, que dá cega ventura.

Duro rochedo, que já mais se move,  
 Inda que o mar sobre elle as forças prove,  
 Sempre ás raivosas ondas resistindo  
 As vê em branca espuma aos pés cahindo:  
 Assim o heróe constante, a quem intentas  
 render com mil paixões duras, violentas,  
 Que a vencer resistindo se costuma  
 As vê desfeitas, como o mar na espuma.

Os que queres vencidos são da casta  
 Dos que sabem vencer-te; isto nos basta:  
 Defende a Illustre Casa a sã virtude.  
 Qual dos vicios, qual he, por mais que estude,  
 Q' empestes aquelles lares, que ella guarde?  
 E da brilhante facha a luz que arde,

Que

Que disfarce haverá que o vicio occulte,  
 Que ella não o conheça, e não o insulte?  
 Quantos vivem alli, vivem izentos  
 Dos inquietos vicios turbulentos,  
 Nem podem empestar vizinhos ares,  
 Quanto mais atrever-se aos proprios lares.

Vê Antonio, e José, e Luiz: todos  
 Que escarnecem de ti por varios modos,  
 Que te arrancão das mãos os infelices,  
 Dando-lhe, a teu pezar, dias felices.  
 Mas não te desconfioles, porque eu tenho  
 Forças para servir-te ao desempenho;  
 E, se os vicios não podem, eu bem posso  
 Atormentar o abrigado moço.

Por huma lei geral da Natureza  
 Eu não respeito cargos, nem grandeza,  
 O cortezão afflijo, e o vilão rude,  
 O que tem vicios, o que tem virtude;  
 Companheira da Morte, e precursora,  
 Onde móra o Pastor, onde o Rei móra,  
 Tenho hum ingresso livre, e livre passo:  
 Todos tremem de mim, quando ameaço,  
 E entrego facilmente á dura Morte,  
 Fracamente espirando o que foi forte.

Porei os quatro humores em desordem,  
 E os Fyficos farei que não concordem,  
 Vendo o meu diversissimo semblante,  
 Farei que exhale a vida em hu' instante.

Porém se o queres ver mais lentamente  
 Atormentado, afflicto, descontente,  
 Eu o trarei das mãos da Medicina  
 A' Cirurgia, que inda he mais ferina,  
 Muito mais carniceira, e mais tyrana,  
 Bem que livre assim mais a gente humana.

Ella com duro ferro aparta, e córta  
 O mal, que a meu affeno o corpo aborta.  
 Tenho pequenas chagas, e maiores,  
 Sempre asquerosos, turgidos tumores,  
 Que a meu gofsto, a meu capricho espalho,  
 E dão com longa dor, longo trabalho.

Hia mais a dizer; mas a Fortuna,  
 A quem a dilação era importuna  
 Tumor, Tumor gritou, e sem detença  
 Foi abraçar a pállida Doença:  
 Depois de se mostrar agradecida,  
 Recommendou-lhe que apoucasse a vida  
 Do focegado Caldas, e aos mais vicios  
 Mandou continuar duros officios:  
 As ordens recebidas respeitárão,  
 E em hum instante ao Mundo revoárão.



## CANTO II.

**E**M quanto isto se passa na horrorosa  
 Aſſembléa da Deosa caprichosa,  
 O Caldas locegado proteguia  
 Co' o favor de Terpsicore, e Thalia  
 A cubrir mil papeis de elcritos versos,  
 Que em varias casas, varias mãos diſperſos,  
 O ſeu nome eſpalhando pela Corte  
 Mais conhecido o fazem deſta ſorte.

No meio dos Noronhas, e Menezes,  
 E outros muitos Illuſtres Portuguezes  
 Até aos pés do Rei tôra levado:  
 Piedoso o tinha ouvido, e tinha honrado;  
 E o repentino influxo de hu'a Muta,  
 Que a ſoccorrer-lhe o eſtro não ſe eſcuſa,  
 Lhes tinha felizmente grangeado  
 Geral eſtimação, geral agrado.

Já em caſa o recebe o grande Angeja:  
 Ouve-o, applaude, eſtima, e faz que veja  
 Da natureza os próvidos ſegredos;  
 O que cria nas aguas, nos penedos,  
 Pelos campos, nas Arvores, na areia:  
 Moſtra-lhe a grande ſalla ornada, e cheia

De

De quanto ella produz, mais raro cria,  
Grão materia á subtil Filosofia.

O grande Marialva attento o escuta,  
E o admite a ver a força astuta,  
Com que dóma ardentíffimos cavallos:  
Com pezado bridão vê subjugallos:  
O ensino quanto póde! rege os passos,  
E faz mover com ordem pés, e braços  
Já vagaroso o bruto, e já ligeiro,  
E fixa o corpo airoso ao Cavalleiro.  
Alli os filhos vê, e vê hum filho,  
Porque me encho de pasmo, e maravilho,  
Sobre hum bruto correr n'um pé firmado,  
Sentar-se, erguer-se em salto equilibrado,  
Abandonando as redeas, e firmando  
Hum pé sobre óutro bruto, ir galopando,  
Arremeçar maçã, ao ar tomalla,  
Qual destra mão em hu'a immovel falla.

Os Val de Reis piedosos o agazalhão,  
E a qual mais hade honrallo elles trabalhão:  
Santa benignidade, tu assistes  
Naquella Illustre Casa; os que vão tristes,  
Com teu affavel rosto consolados  
Tu fazes esquecer males passados,  
Tu santificas déssa Casa os lares,  
E alli dentro he que tens puros altares.  
Do raro, do exemplar José Maria  
Ahi o Caldas goza a companhia,  
E alli achou, porque melhor estude

Modêlos de sciencia, e de virtude.

Cem casafas da grandeza Lusitana  
 Lhe abrem as portas. Inclyta Joana,  
 Sempre ao afflicto tens a tua aberta;  
 Feliz aquelle, que com ella acerta.  
 Irmã de Irmão, a que elle deve tanto,  
 Não digo mais por não mover-te a pranto;  
 E se eu não folto aqui altos clamores,  
 He que te enfadas Tu dos teus louvores.

Mil outras Casafas nobres discorria  
 Sempre em prazeres, sempre em alegria;  
 De humanos interesses não cuidando,  
 Ora embocando a tuba, ora cantando  
 Ao som da lira simples cantilena,  
 Que lhe inspirava a fluida camena.

Os vicios, que em seu damno vigiavão,  
 Mil laços, mil siladas preparavão,  
 Onde o moço inexperto lhe cahisse,  
 E o gosto da fortuna se cumprisse:  
 Roaz murmuração perdello intenta  
 C'os fabulosos crimes, que lhe inventa:  
 A iniqua inveja em destruiillo estuda;  
 Mas além da innocencia, que o escuda,  
 Tem do bom Protector o forte braço,  
 Que evita o golpe, e defenreda o laço.

Mas a destruidora infaciavel  
 Da faude dos homens implacavel,

B

Que

Que tinha ao fero Nume promettido  
 De o affligir, e o tinha perseguido ;  
 Todo o sereno ar, que o rodeava,  
 A imperceptivel fopro envenenava,  
 E sobre o são manjar, que elle comia,  
 Pestifero veneno ella esparfia ;  
 Ella inflammava mais o quente Estio,  
 E esfriava mais o Inverno frio.

Quando o secco Verão defce do throno  
 A que entre pardas nuvens fôbe o Outono :  
 Quando para o Inverno o ar se enfaia,  
 E toca d'entre a calma, e frio a raia,  
 De manhã queima o Sol, de tarde os ventos  
 Sempre inquietos, femp're turbulentos  
 Esfrião quanto ardeo na calma intensa ;  
 Que então he que a malefica doença  
 As fuas prezas faz ; n'um destes dias  
 Sente frios os pés, fente as mãos frias  
 O Caldas : nem bater já fente o pulfo :  
 Fria horripilação o tem convulfo :  
 Por tres horas a foffre, e de repente  
 Espalha a adufta febre a chamma ardente  
 Pelos cansados membros ; e elle laffo  
 Já não podia dirigir o paño :  
 Saborofo manjar lhe caufa tedio ;  
 Sabe que tem hum mal, pede o remedio.

Rodrigo liberal, quanto te deve  
 Este moço infeliz : a mão que efcreve  
 Treme a efcrever teu nome ; eíta mão grata,  
 Que



Que encheſte tantas vezes de ouro , e prata ;  
 Eſta mão , que tocou a mão benigna  
 De hu' mais feliz baſtão , mais propria , e digna :  
 Treme , e fraqueja em fim , e quando inſiſte ,  
 Prende-lhe os dedos a fauda triſte.

Rodrigo liberal faz que ſe veja  
 A doença qual he : o velho Béja ,  
 Que das ſulfureas aguas ferreas quentes  
 Regúla ſabio ás precifadas gentes  
 Os banhos ſalutiteros , que os cura  
 De laxa frouxidão , ou criſpatura :  
 Que torna o movimento a immóveis braços ,  
 E que a mirrados pés ſegura os paſſos :  
 Que ſabe o nome ás hervas , e ás raizes ,  
 Inda de remotiſſimos Paizes ;  
 Que ás varias queixas ſabe os nomes todos ,  
 Diverſas curas , de diverſos modos ;  
 Deixa para ver eſte os mais enfermos ,  
 Toma-lhe o pulſo , e falla neſtes termos.

Eſtá tumida a veia ; o ſangue encalha  
 Entre os canaes , a máquina trabalha  
 Defordenadamente ; retrocede  
 O ſangue , encontra couſa que o impede :  
 Sangre-fe em pé , e braço ; eſte volume  
 Vamos diminuir : o meu coſtume  
 He ſangrar , diluir dá logo allivio ;  
 Affim Galeno , Hippocrates , Baclivio ,  
 Affim o Etmulero , affim Boerhave ,  
 E o ſeu Commentador profundo , e grave ;

B ii

To-

Todos mandão affim. Disse, e receita,  
E hu'a, e outra sangria he logo feita.

Cede o mal aos remedios; deixa o leito  
Fraco o doente pálido, e desteito;  
Já contava este mal como vencido,  
Quando de outra se vê accommertido.  
Maligno humor na esquerda espadua junto  
Lhe dá que imaginar, que temer muito.  
Eleva-se o Tumor; já não se encobre  
Com o vestido, aos olhos se descobre:  
Nova afflicção tornou, e susto novo:  
Da mesma sorte que o cansado povo,  
Que o destroço soffreo da dura guerra,  
Que inda ha pouco deixou em paz a terra,  
Quando annuncião que he vizinha a fome,  
Cheio de angustias ouve o fatal nome;  
Angustiado o moço affim ouvia  
O do horrivel Tumor, que apparecia.

Precedido não vem de acerbos dores,  
Companheiras fieis de outros tumores;  
Traz o pálido susto só diante,  
Que faz perder a côr, mudar semblante  
Ao enfermo infeliz, e as alegrias  
Faz transformar-se em tristes agonias.  
Forão os déstros na arte consultados,  
Recrescem os vivissimos cuidados,  
Qual a causa do mal, e qual a origem  
Todos querem saber, nada colligem.

A horrivel inimiga sempre ao lado  
 Tinha o Tumor funesto reforçado,  
 Fazia vacillar os Professores;  
 E enchendo os vãos discursos de temores,  
 Fazia não achassem a segura  
 Estrada, onde encontrar remedio, e cura.

Homem de santa vida, e humilde roupa,  
 Que diz que a mil mortaes os sustos poupa  
 Co' o fogo virtual da Medicina,  
 Derreter os humores determina:  
 Vio-se o caustico ardente então crestando  
 A empolada pelle, e ir baixando  
 O turgido Tumor, e liquidar-se,  
 E o desejado effeito começar-se.

Teve o afflicto Caldas firme crença  
 No bom remedio: a languida doença  
 Quasi que via de huma vez vencida  
 Livre o seu corpo, e dilatada a vida.

Por hum pouco se aparta a vil contraria  
 Té ao folio voou da Deosa varia,  
 Fazendo o seu ludibrio manifesto,  
 Trouxe de entre os acafos hu' funesto,  
 Que de junto do enfermo o Padre affaste,  
 Antes que elle o Tumor destrua, e galte.

Já não tem o Tumor quem o rebata,  
 Mais pela frouxa espádua se dilata  
 Na adipósa membrana faz estrago,

Vai

Vai congregando a si mais humor vago,  
 E em celulas guardando-o faz que tema,  
 Quem de o vencer a ferro tem systema.

Não se pôde explicar quanto cuidado  
 Aos pios Protectores tem causado  
 A indomavel molestia; tentão tudo:  
 Quem tem experiencia, ou tem estudo,  
 Se chama, se consulta com presteza,  
 Nem se poupa o trabalho, nem despeza:  
 Abertas sempre as bolças, e a gaveta,  
 Querem comprar a vida ao seu Poeta.

A clemente Piedade officiosa,  
 Que assiste em paz, e escolhe gloriosa  
 Seus raios espalhar nitidos béllos  
 Na Casa dos Illustres Vasconcellos;  
 E que do coração do Illustre Conde  
 A todos apparece, e não se esconde;  
 Que he alli applaudida, e procurada  
 De tanta, e tanta gente delgraçada;  
 Que dá prompto remedio, que soccorre  
 A todo o que prudente alli recorre;  
 Que a mais de mil mortaes veste, e sustenta,  
 E sempre os beneficios accrescenta;  
 Que as lagrimas enxuga aos affligidos,  
 E faz parar clamores, e gemidos;  
 A clemente Piedade se dohia  
 Do mal, que o triste Caldas padecia:  
 Os ares trilha a candida virtude,  
 E onde móra a bençfica saude,

Rapida chega: as lucidas estrellas  
 Erão guardas da porta, por entre ellas  
 Entrou no santo azilo, em que focgea  
 A grande Deoã, que aos mortaes se nega,  
 Depois que em mil torpezas enlodados  
 Tem por seu gosto os corpos empéstados;  
 Depois que a voraz em ignarias  
 Veneno espalha ás lèdas companhias;  
 E o suave licor de louro bago  
 Leva o homem gostoso ao seu estrago;  
 Depois que a gente em fim della zombava,  
 E aos vícios os seus dias entregava:

Alli em alto throno levantado  
 Co as alegrias d'hum, e d'outro lado  
 Em tranquillo focgo ella se via,  
 Quando a terna Piedade assim dizia:

A' pressa, à pressa, voa, vem, reparte  
 Teus dons cu'm pobre afflicto, que a implorar-te  
 Manda co' a voz o ultimo suspiro:  
 Basta já de descanso, e de retiro,  
 Acode a quem te bulca Amiga, eu venho,  
 Porque em salvar os miseros me empenho.

Na virtuosa Casa, em que eu habito,  
 De teu foccorro agora necessito:  
 Hu', que he dos Vasconcellos protegido,  
 Se vê barbaramente perseguido  
 De hu' terrivel tumor, nem tem defenfa  
 Contra o braço da horrída doença;

Ella intenta perdello , e eu intento  
 Libertallo do misero tormento ;  
 Porém se o teu poder o não loccorre ,  
 Não tem remedio , o desgraçado morre.

Hu'a , e outra baixou do sacro azilo  
 A ver o enfermo ; e vião opprimillo  
 Com o pezado susto os sonhos vagos ,  
 Mostrando ao longe horrificos estragos ,  
 Que havia padecer seu corpo laço ,  
 Dividido hum pedaço , e outro pedaço :  
 Hum lhe mostra o sepulchro quasi aberto ,  
 E faz ver o seu fim vizinho , e certo.

Mas tanto que a faude á terra desce ,  
 O fallaz sonho vão desapparece ,  
 E outro sonho nutrido de alegria  
 Vem animar a frouxa fantazia :  
 Mostra a doce amizade , que lhe acode ,  
 E a benigna Piedade quanto póde ,  
 E entre alegres idéas revoando ,  
 O afflicto coração vai confortando ,  
 Já se espera o remedio , e a melhora ;  
 Porém o como , e quando inda se ignora.

Com doces esperanças consolado  
 Se julga o Caldas menos desgraçado :  
 Outra vez sua lira se escutava ,  
 E a triste Musa alegre se tornava :  
 Torna a soar do Téjo sobre as bordas  
 A voz sonora das vibradas cordas :

Louva Illustres varões, raras bellezas,  
E faz fugir as languidas tristezas.

Hum dia, quando ao som de doce avêna  
Cantava Americana Cantilena  
Por entre a gente, que a ouvir se ajunta,  
Moço alegre rompeo, que lhe pergunta  
Se he elle o mesmo Caldas Brasileiro,  
Que tem por Patria o Rio de Janeiro,  
Filho já de outro Caldas nomeado,  
Que morrêra infeliz, vivendo honrado.

Então fluidas lagrimas corrêrão  
Dos olhos de ambos, e as palavras erão  
De importunos soluços impedidas,  
Nem terminadas bem, nem entendidas.

Hum pouco se focegão; e tomando  
O bom Patricio então hum tom mais brando,  
Diz que saber deseja o que passára,  
Depois de ter deixado a Patria cara:  
Com os ouvidos a attenção he prompta,  
E o Caldas promptamente os calos conta.



## C A N T O III.

**A**O depois que deixei do novo Mundo  
 O mais grato Paiz, e o mais fecundo,  
 Que ao Illustre Cabral naufrago incerto  
 Foi por quem tudo sabe descoberto:  
 Ao depois que deixei o continente,  
 Onde o ardor Phebeo inda he mais quente,  
 E a equadora linha atravessando  
 Vim em concavo lenho supportando  
 Diversos ventos, e diversos mares  
 A ver da Europa os temperados ares;  
 No meio de sessenta curvas quilhas,  
 Deixando á esquerda as apraziveis Ilhas,  
 Cheguei em fim á incllyta Lisboa,  
 De quem a fama tanta gloria entoa,  
 E a fortuna cruel de que eu fugia,  
 Eu vi que sempre ao lado me seguia.

Em vão, amigo, em vão tentei vencella,  
 Sempre me afflige, sempre me atropella.  
 Sinistral me tem ella embaraçado,  
 Que eu sirva ao grande Deos no altar sagrado:  
 Carregão-me do pezo da indigencia,  
 Faz que eu desmaie ás portas da sciencia,  
 Rouba-me o caro Pai, nem que eu consiga



Socego , e paz consente esta inimiga.

Pareceo-me que a via menos brava,  
 E que livres os passos me deixava :  
 Ella se me fingia lisongeira.  
 Pezava-me inda ás vezes a algibeira  
 Com as aureas medalhas, e se ouvia  
 O som da prata, que ella recolhia.

Em quanto assim retine, quanta gente  
 Amorosa me trata, e cortezmente?  
 Porém quão breve foi a fallã dita,  
 Não queiras, caro amigo, que eu repita !

Apenas se publica, e se divulga  
 A triste morte de meu Pai, se julga  
 (E acaão se acertou) que esta orfandade  
 Me poria em cruel necessidade  
 De depender dos mais, e dependente  
 Pouco me estima a orgulhosa gente.

Mendigo sempre, afflicto, e desgraçado,  
 De huns illudido, de outros procurado,  
 E dos mesmos deixado frouxamente,  
 Vi a inconstancia da mundana gente,  
 Que n'um instante estimão, e aborrecem,  
 E os mesmos que tratárão não conhecem :  
 Volveis homens vãos a que he só grato  
 O cofre rico, o precioso ornato ;  
 E quando isto findou, depressa finda  
 A estimação mal começada ainda,

Gastou-se c'os vestidos a amizade  
 Dos falsos, com que eu tinha sociedade,  
 E apenas me restava algum amigo  
 Tão pobre como eu, e tão mendigo,  
 Que ás minhas suas lagrimas juntando  
 Hia a minha tristeza accrescentando.

Na Provincia, que cárcão Minho, e Douro,  
 Muito se estima o dom de Phebo louro,  
 E da frase melliflua do Parnaço  
 Inda se faz apreço, e se faz caso:  
 Tu bem sabes que desde a tenra idade  
 Amei a singular suavidade  
 Das camenas sonoras: e Thalia  
 Co' a harmonica doce melodia  
 Minha voz, meus discursos ajudava:  
 Já na silvestre America eu cantava,  
 E ao som das aguas do abundante rio,  
 Inda assoprando em rustico assobio  
 Eu fiz que as bassas Ninfas me escutassem,  
 E meus incultos versos festejassem.

Valeo-me o dom de Phebo, fui ouvido,  
 Fez-me ser estimado, e applaudido,  
 E nas margens do Cavado, e do Lima  
 Eu vivi do louvor da minha Rima;  
 Alli dous Vasconcellos me escutarão,  
 Alli os respeitei, alli me honraráo,  
 Naquelle pouco tempo, em que descança  
 A dura lida da astreal balança,  
 Que elles junto do Douro então sostinháo;  
 E

E em vez de descançarem, fei que vinhão  
 Pela fertil Provincia passeando  
 Os costumes dos póvos estudando.

Se este feliz encontro á idéa eu trago,  
 Lembra-me o coração quanto he presago:  
 A' sua affável vista, sendo exposto,  
 Provo a mistura de respeito, e gosto:  
 Quando José nos braços me apertava,  
 O grato coração me palpitava,  
 E mais se inquietou ao despedir-me,  
 Como então já querendo prevenir-me,  
 Não devia daquelles separar-me,  
 Que havião proteger-me, e amparar-me.

Hum acafo infeliz, que eu te não conto,  
 E de cuja memoria inda me affronto,  
 A Lisboa me traz incautamente,  
 E entre a gente que vez, vivi sem gente:  
 Cubrio-me de remendos a pobreza,  
 Manjares me negou, e era a meza,  
 Em que eu comia o secco, e duro pão  
 A minha mesma enfraquecida mão:  
 Era meu leito, sempre ao somno ingrato,  
 Dura pedra; e cuberta o roto ornato.

Como desta miseria os mais fugião,  
 E á importuna voz se enfurdecião,  
 Consultando o cansado soffrimento,  
 Eu usei d'hum forçado fingimento;  
 A minha desnudez fingi, e crêrão,

Que

Que de hum estranho humor defordens erão ,  
 Mudei o humilde tom de desgraçado ;  
 E como não pedia , era escutado.  
 Facil a sua bolça franqueava ,  
 Quem valer-te da minha inda esperava :  
 E esta industria feliz , eu não o nego ,  
 Me restitue ás margens do Mondego ;  
 E tan o que cheguei á luza Athenas ,  
 Ouvem-me a voz laurigeras Camenas ,  
 Ellas me vem honrar , ellas me trazem  
 Sabios varões , que grão mercê me fazem :  
 D'huns , que em purpureas roupas envolvidos  
 De todos respeitados , e attendidos  
 São por mão da sciencia laureados ,  
 Forão meus brandos versos escutados :  
 Carregão-me os alegres estudantes  
 De amorosos assumptos , e galantes ,  
 Sirvo á sua alegria , e seus prazeres ,  
 Sou escutado de homens , e mulheres ;  
 E como , outra vez digo , eu não pedia ,  
 De mil casas a porta se me abria .

A's vezes eu baixava do alto monte  
 A ver das tristes lagrimas a fonte  
 Da Conforte inteliz do duro Pedro :  
 Cuido que inda conserva erguido Cedro  
 O nome de Lereno alli gravado ,  
 Que he nome , que me foi na Arcadia dado .

A's vezes n'outra parte se cansava  
 Eco de repetir o que eu cantava :

Alli foltando os diques da Aganipe ,  
 Mostrei larga torrente ao grande Lipe ,  
 Não me deixa sem premio o Conde grato ,  
 Dá-me por propria mão proprio retrato.

Nos certames Poeticos temido  
 Em fazia calar-se atrepido  
 Aquelle , que soberbo se me oppunha ,  
 E disto he muira gente testemunha.

Não hia como muitos preparado  
 Com hum metico enfeite decorado  
 De palavras pompofas rerenintes ,  
 Que deixáo como abfortos os ouvintes ,  
 Sem saber o que ouviráo : nem levava  
 Como algum a cabeça , que ajustava  
 A rodo o corpo vão que alli fazia ,  
 E em outros muitos corpos mais servia :  
 Eráo os versos meus alli formados ,  
 E aos motes propriamente accomodados :  
 Assim me ouviu Coimbra , e tem ouvido  
 As terras , porque eu tenho discorrido.

Mas quaes bens dão os Luzos , e qual premio  
 Aos que as Musas recebem no seu gremio ?  
 Quem os feitos cantou do Illustre Gama ,  
 Só tem depois de morto honrada fama :  
 O bom Bernardes mesmo , o bom Ferreira  
 Viráo seccar-se o ouro na algibeira.  
 Só d'hum posso contar , he só Sipilo ,  
 Que vagando tambem sem ter azilo ,

Achou

Achou mão poderosa que o erguêra  
 Da abatida miseria, e que lhe déra  
 Grata materia a sonoro canto:  
**Feliz Sipilo**, que merece tanto.

Em fim fechão-se as portas bronzeadas  
 Da Casa das sciencias, e fechadas  
 Bem póde a estudiosa mocidade  
 Ir ter aqui, e alli onde lhe agrade  
 Huns mezes de preciso util descanso.  
 Em vão a hum lado, e outro a vista eu lanço;  
 Não me convidão já, e os que convidão  
 De que eu acceite a offerra se intimidão:  
 Assim á gente vá sempre acontece,  
 O que não gosta dar vaidoso offerece.

Vago por varias Casas, e já via  
 A misera algibeira estar vazia:  
 Não falta a Providencia: eu visto, eu como,  
 E nem eu mesmo sei dizer o como.  
 De casa em casa incerto sempre errante,  
 Consultando dos donos o semblante  
 Por ver quando os afflijo, ou lhes dou gosto,  
**A** huma nova miseria estava exposto.

Pelos campos, que lava o bom Mondego,  
 Sem certo azilo ter, sem ter focogo  
 Errava vagabundo: quando hum dia  
 Figura enorme a encontro me fahia  
 De erizado cabello, accezos olhos,  
 E de escarnadas faces, que os abrolhos

Co' a famulenta boca devorava,  
 Nem se sustinha, pelo chão rojava.  
 Sobresaltei-me ao ver a dura fome,  
 Que eu conhecia por figura, e nome:  
 Tres vezes quiz soltar bramido fero,  
 E fraca apenas disse: espero, espero  
 Quando quiz escapar-lhe já me via  
 Seguro pela mão mirrada, e fria.

Alli me appareceo (oh Ceo benigno !)  
 Illustre valedor, que era bem digno  
 De huma mais longa vida, e melhor forte;  
 E estendendo piedoso o braço forte,  
 Me arrancou d'entre as garras da cruenta  
 Fome, que devorar-me a vida intchta.

Magnanimo infeliz, que lei prescreve,  
 Que eu te negue o louvor, que se te deve?  
 Porque, por gratidão, por minha gloria,  
 Não hei de misturar na breve historia  
 Da minha vida, a parte que te toca?  
 Mas eu sinto prender-se a voz na boca:  
 Dem-te pois meus suspiros, e meu pranto  
 O que não póde offerecer-te o canto.

Por esta mão piedosa soccorrido  
 Sou ao Téjo outra vez restituído:  
 Por elle a minha Musa ergueo as azas;  
 E foi ouvida nas excelsas casas:  
 Bem como elle me honrou, eu fui honrado  
 Dos que havião meus versos escutado;

Mas este Protector, a hum tempo amigo,  
 Por quem tanta fortuna assim consigo,  
 Porque mais venturoso me não faça  
 Furta a meus olhos rápida desgraça.

Se ao menos dos meus olhos, só se ao menos  
 Longe passasse os dias seus serenos. . .

Tentou continuar, bem que se esforça  
 A soltar as palavras, falta a força,  
 Ficão as vozes prezas na garganta.  
 Do seu pezar a vehemencia he tanta,  
 Que o faz cahir na terra amortecido;  
 Palpita o coração agradecido,  
 Mihero coração de dor estalla,  
 Diz mais quem sente assim, do que quem falla,

Depois que mais a angustia se focega  
 Com os remedios, que o amigo emptega,  
 Este por divertir-lhe o mal profundo  
 Conta o que vira pelo vasto Mundo:  
 Os costumes contou, e a lei que tinha  
 A dura gente do Uruguay vizinha;  
 Descubertas que fez o Povo Hispanico  
 Junto ao Estreito, dito Magelanico;  
 Quaes os vestidos são, quaes os semblantes  
 Dos que tem a estatura dos Gigantes:  
 Como viera á Corte Portugueza  
 Ao depois de servir gente Franceza;  
 Por qual justo motivo a estrada toma  
 Da cabeça do Mundo, e qual he Roma:



Pinta-lhe os sumptuosos edificios,  
 Diz os perigos, diz os precipicios,  
 Que tem os Alpes, tem os Pirineos;  
 Cuja altura parece toca os Ceos:  
 A polidez de França, industria, enganos;  
 Pinta a soberba vã dos Castelhanos.  
 Tudo quanto passou, tudo lhe disse,  
 E pediu que outros casos proseguisse.  
 E por cumprir com a vontade sua,  
 Assim o triste Caldas continúa.

Aquelles dous Illustres Vasconcellos,  
 Que encontrei na frondigera Barcellos,  
 Descendentes de Reis antes de haverem,  
 De Henrique os descendentes, e de terem  
 A Affonso dado os Luzos a Coroa;  
 Descendentes daquelle, a quem Lisboa  
 No seu alto castello tem o nome,  
 Que a Fama guarda, o Tempo não consome:  
 E daquelle, que os Mouros assustando,  
 Brandindo a lança, a espada manejando,  
 Tornando os fúcos rostos amarellos  
 Mêm Rodrigues se diz de Vasconcellos:

Descendentes, e dignos descendentes  
 De varões sabios, e varões valentes,  
 Qual João, qual Luiz, quaes outros muitos;  
 Que a doudas pennas dão largos assumptos;  
 A quem não accretenta mais grandeza  
 Gentil Pelagia de Rohã Princeza,  
 Que a elles veio unir-se venturosa,

De Esposo muito digno digna Esposa.

Estes bons Vasconcellos, que Lisboa  
 Estima possuir, e a quem entoa  
 O Monstro de cem bocas mil louvores,  
 Que entre os togados sabios julgadores  
 Nos seus floridos annos, e primeiros  
 São o pasmo, e prazer dos companheiros:  
 Estes bons Vasconcellos estancárão  
 A fonte das desgraças, e me amparão.

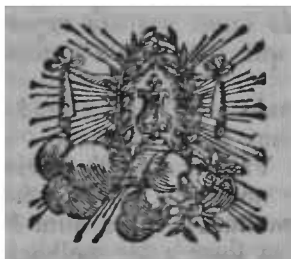
José, o bom José, que as Musas ama,  
 E he das Musas amado, a si me chama.

Eu não pinto a torrente copiosa  
 De immensos raros dons, que a mão piedosa  
 Espalha sobre mim, ninguem a pinta,  
 Sem que por diminuto falte, e minta.  
 Por elle he que a alegria me apparece,  
 E que a miseria em fim desapparece  
 Dos olhos meus; e em vez da fome escura,  
 Eu vejo da Abundancia a formosura.

E por livrar-me mais desta inimiga  
 Do caro Irmão á sombra elle me abriga,  
 E entre os favores seus, e os do bom Conde,  
 A's garras da desgraça elle me esconde.

Alli vivo qual vez assim contente,  
 Lembra-me a Patria sim, lembra-me a gente,  
 Que participa o sangue que me anima;

Estimo o caro amigo, que me estima,  
Inda com elles partirei metade  
Desta, que eu gozo liberal piedade.  
Se eu às vezes suspiro, he meu assumpto  
O ter perdido hum Pai que custa muito ;  
Mas nem tanto o Pai custa, quando o fado  
Tem estes Pais aos pobres preparado.





## CANTO IV

**F** Indou a narração, e Adolfo (este era  
 O Patricio fiel que ouvir quizera)  
 Vio duvidar a alguém da sociedade  
 De tantos males em tão pouca idade:  
 Hum do outro Patricio se despede,  
 E nova occasião de ver-se pede,  
 E em vez de huma politica expressão,  
 A alma he que falla, falla o coração.

Adolfo tendo ao Caldas visitado,  
 He pelos olhos seus certificado  
 Do que dos Vásconcellos já ouvira:  
 Cantou seus nomes na Latina Lira;  
 D'entre os mesmos escolhe hum Protector,  
 Começa a sua sorte a ser melhor.

Hum dia, em que os amigos se juntavão,  
 E os successos da Patria recontavão,  
 Recordando mil nomes de Patricios,  
 Sua sciencia, e arte, e seus officios,  
 Derão tristes suspiros á lembrança  
 Do sonoro Philippe, que descança  
 Entre as almas felices, que rodeião  
 O Throno, em que as virtudes se premeião;  
 E

E dando ao grande Deos santo louvor ,  
 Rogará pelo Illustre Bemfeitor ;  
 Pelo Illustre Calheta , que o trouxera  
 Da miseravel casa , em que vivèra ,  
 A' rica habitação das abundancias ;  
 Que os sustos lhe poupou angustias , ansias ,  
 Caro preço ao sustento , e pobre ornato ;  
 E de quem recebeo piedoso trato  
 Na saude , e molestia , vida , e morte ;  
 E que lhe procurou a extrema sorte ,  
 Fazendo orar por elle no Altar Santo ,  
 Acção bem digna de memoria , e espanto .

Deste , e de semelhantes benefícios  
 Tinhão prática longa os dous Patricios ;  
 E não só elles fallão , mas eu vejo  
 Que desde o arrogante , e rico Téjo  
 Os louvores de Antonio são mandados  
 Aos aurifluos rios despenhados ,  
 Que de altas ferras pelo chão se entornão ,  
 E o Brazil fecundando d'ouro o adornão ,  
 Alli á sombra de arvores frondentes ,  
 Que o Inverno não despe , ouvem as gentes  
 O amado nome do piedoso Antonio ,  
 Digno , e bem digno , do Cantor Aufonio .

Hum apòs de outro dia circulavão ,  
 Entre elles os prazeres revoavão ,  
 Sobre o Caldas as azas estendião ;  
 Lembranças do passado mal fugião :  
 Varia conversação , e varia gente

Lhe absorvem a afflicção, e já nem sente  
 O perigo em que está, e canta, e dança,  
 Como quem do seu mal não tem lembrança.

A benigna faude he quem procura  
 Adoçar das idéias a amargura;  
 Sempre ao lado lhe estava; e por caminhos  
 Que não comprehendem os mortaes mesquinhos,  
 Trata de o escapar ao damno forte  
 Do Tumor, da Doença, em fim da Morte.

A sua bemfeitora mão o guiã  
 A huma não usada companhia,  
 E hum mancebo lhe mostra experiente,  
 Cujã habil mão tem salvo a muita gente  
 De entre as garras da morte ávida, e dura,  
 Que arremessa de hum golpe á sepultura:  
 Mancebo, que conhece qual se move  
 A máquina do corpo, e como o prove  
 A solícita sabia natureza,  
 Que a mais pequena parte não despreza.  
 Os passos dirigio para a amizade,  
 Que assistia d'hum canto á sociedade,  
 Declara-lhe os segredos, que em si guarda,  
 Pede-lhe o seu favor, e elle não tarda.

A subtil poderosa sympathia  
 Voa por entre a alegre companhia,  
 E ao bom Martins o peito penetrando,  
 E o do Caldas tambem que he terno, e brando,  
 Fez que os dous corações se conhecessem,

E a justa estimação ambos se dessem:

Deo-lhes as fantas leis, deo-lhes o nome,  
 Que o tempo a quem as guarda não consome;  
 Assim vivem eternos na memoria  
 (Sem que a inveja perturbe a sua gloria)  
 Pirithoo, e quem por elle ao Orco desce,  
 E o par, que entre as estrellas apparece;  
 O mal aconselhado Parricida,  
 Por quem offerece Pilades a vida;  
 O grande Eneas, o fiel Achates  
 Sempre louvados de facundo vates,  
 A que a amizade deo os dons celestes;  
 E bem como voou o nome destes,  
 Voe da terra aos ultimos confins  
 De Caldas com o nome o de Martins.

Do Ceo aos sacratissimos arcanos  
 Não chega a fraca vista dos humanos,  
 E as obras da Divina Providencia  
 Não póde prevenir mortal sciencia.

Mutuamente hum a outro visitando  
 Vão a nova affeição mais entranhando;  
 E hum dia, porque em muitos senão vião,  
 Hum para o outro os braços estendião,  
 Topão os de Martins n'um corpo estranho,  
 E elle pasmou de achar tumor tamanho.  
 Vacillando assustado o amigo inquire;  
 Vê: e bem que a grandeza o pasme, e admire,  
 Soccega, porque o cré daquella casta

Dos

Dos que hum seu bom remedio cõrta, e gasta,

Isto não o ignorou a malfeitora  
 Fortuna, e manda hum susto que o demora;  
 Foge ao remedio o timido doente,  
 Hum pretexto estudado, outro apparente  
 Faz, esperar hum dia, e outro dia,  
 E o Tumor mais temivel se fazia.

A mortal inimiga, que occulta,  
 No lasso corpo a Medicina insulta,  
 A' Fortuna voou, e ella se empenha  
 Em que a timida Deosa não detenha  
 O mesmo, que ella quer já prompto estrago;  
 Ella faz recolher o susto vago,  
 Que do Caldas opprime a fantazia,  
 E he para a cura destinado o dia.

General, que está prompto a defender-se,  
 Quando sente de hum lado accommetter-se,  
 As máquinas dispõem, finge, e engana,  
 Enche de fossos a campina plana,  
 Cobre-os de rama, e terra, a vista mente,  
 Não se vê o perigo: a incauta gente,  
 A que outra gente a accommetter incita,  
 Quando cuida vencer, se precipita.

Fallaz Doença rápida, e ligeira  
 Quer enganar Martins de igual maneira:  
 Sobre o grande Tumor fingir procura  
 Ao tacto huma apparencia de brandura,

Que



Que engane por então ao destro Artista ;  
 Sobresaltando-o ao depois cõ' a vista  
 De inimigo maior não esperado,  
 E seja arrependido, e magoado.

Conseguiu enganallo, pois consegue  
 Que tão pouco cuidado n'isso empregue,  
 Que sem mais duvidar intente a empreza ;  
 Co' o mascarado papel a pelle acceza  
 Muito menos sensível tem tornado,  
 Nem o doente vê fulto a seu lado.

A damnosa contraria então rizonha  
 Se aprompta a ver a incisão medonha,  
 Fartar-se de ais, gemidos, e clamores:  
 Traz preparadas as pungentes dores,  
 Que o enfermo rodeem, traz o espanto  
 Para o amigo, que emprendêra tanto.

Chega o fatal asperrimo momento,  
 Não foi sentido o golpe, nem violento:  
 Eis-aqui quando o espanto se apodêra  
 De Martins, que encontrou o que não crêra ;  
 Não fluida materia crassa, e fria  
 Pela rota cizura apparecia.

A sabia experiencia, e arte o ajudão,  
 Não tarda tempo algum, que não lhe acudão:  
 Ella illumina a mente, e arma o braço.  
 Nada então o demora, em breve espaço  
 Cortante bestoril na pelle entranha,

Que

Que separa do corpo a massa estranha:

Então agudas dores, fusto horrendo  
 Vai o cansado sprito revolvendo :  
 A vacillante vista em vão se esforça,  
 Nos moribundos olhos falta a força.  
 Muitos receião que de todo ceda  
 Aquella animadora lavareda ,  
 Que pelo vivo corpo gyra , e vaga ,  
 Já se vai esfriando , já se apaga.  
 Figura-se ao doente a mão mirrada  
 Da morte , e a dura foice ver alçada.  
 A alma , que vai do corpo a separar-se ,  
 Faz da passada vida então lembrar-se :  
 Põe-lhe o painel dos erros commettidos ,  
 Faz-lhe temer como serão punidos ;  
 Já desde o seu lugar aos beijos corre ,  
 E á summa piedade ella recorre.

Bom Duarte, que veste o burel Santo ,  
 Cheio de compaixão , cheio de espanto  
 O esforça caridoso : Bom Duarte ,  
 Tu deves ter entre os meus versos parte.  
 Tu o acompanhas sempre , e Adolfo amigo  
 Devo os louvores repartir contigo.  
 Nem mais caso o doente faz da vida ,  
 Que a pouco , e pouco vê diminuida ;  
 Mas em quanto a seus olhos não se esconde ,  
 De todo a luz do Mundo quer que o Conde ,  
 E os dous amados Protectores seus  
 Lhe dem ultimô abraço , ultimo a Deos :

Benefica faude veloz desce,  
 Entra na Illustre Casa, e lhe apparece;  
 Vê-o já moribundo, e quasi exangue,  
 Faz que o d'estro Martins suspenda o sangue,  
 Que dos rasgados vasos gotejava,  
 E das dores a turba, que o cercava,  
 Ella fez que fugisse a inculta parte,  
 E que fizesse os seus officios a Arte:  
 Põe freio a febre ardente, e só permite  
 Que o máo humor a liquidar-se excite,  
 Que o digira apressado, e sahir faça  
 Pela parte em que esteve a horrivel maça.

O bom Conde se vio sobrefaltado  
 Com o successo assim não esperado:  
 Esta a unica vez sempre lembrada,  
 Que contra o Caldas triste elle se enfada;  
 Julga que põe seu credito em ruina  
 Esta violenta cura repentina,  
 Em que se deve crer certo o perigo;  
 Accusão de imprudente, e mais o amigo.

Do terno coração a voz alçando  
 Fallou aos que o estavam rodeando,  
 O Mundo que dirá? Talvez que diga  
 Que já se me não dá de quem periga?  
 Que a vida de hum humano estimo em pouco?  
 Quando o erro he d'hum nescio, e he d'hum louco,  
 Que o meu piedoso genio não consultáo,  
 E quasi de algum modo assim me insultáo.  
 Elle não vê o Mundo, não tem visto

Que

Que ainda menos muito menos d'isto  
 Me move a compaixão, e m' interessa,  
 Como será possível que lhe esqueça?  
 O Observador Constancio eu lhe chamára,  
 Que tem do corpo humano a idéia clara;  
 Que sabe porque parte o sangue corre  
 Enfiado nas veias do que morre:  
 O Prudente Ferreira, o Sabio Arvellos,  
 Rodrigues, e outros mais, que só ao vellos  
 Foge a doença tímida co' a morte,  
 Que de seus ferros teme o util córte.  
 Como se esquece d'isto este imprudente,  
 E a sua vida entrega incautamente  
 A hum só Cirurgião, que eu não conheço:  
 Para mim qualquer vida não tem preço:  
 De que serve o dinheiro, de que mais,  
 Se elle não vale aos míseros mortaes?  
 Todos conhecem bem que o meu dinheiro  
 He dos pobres, e eu sou teu Thesoureiro.

Martins, que bem ouvio o afflicto Conde,  
 Com respeitosa voz assim responde:  
 Se o meu nome, Senhor, não gyra, e voa  
 Além, e muito além da alta Lisboa,  
 He por disposição de avesso Fado,  
 Que eu tenho como os outros estudado:  
 Eu fei do corpo o todo, e parte e parte,  
 E tenho como o mais destreza, e arte.  
 Falta-me hum Protector, que a mão extenda,  
 Erguer-me junto aos mais também emprenda.  
 Assim succede áquelles nomeados,

Que

Que por illustres mãos forão tirados  
 Da confusão de muitos que a desgraça  
 Mostrar raros talentos embaraça ;  
 E que na turba misera envolvidos  
 Tem os merecimentos confundidos.  
 Enganei-me , he verdade , a gente humana  
 Sujeita nasce aos erros , e se engana ,  
 E he erro affortunado o que segura  
 Do mal já visto a desejada cura :  
 Não : não temas , Senhor , não ha perigo ,  
 He falva a vida do estimado amigo :  
 Não me guia interesse , sim o affecto ,  
 E o amigo fiel curar prometto.

Tua insigne Piedade he conhecida :  
 Os pobres hum ao outro se convida  
 Para escapar a lugubres pezares ,  
 Vindo abrigar-se a teus illustres lares :  
 Nem a miseria dilatar-se emprende ,  
 Onde a tua benigna mão se estende.  
 Tu trataes meigamente a mil mendigos  
 Como teus Filhos , como teus amigos.  
 A agradecida voz elles alçando  
 Teu nome até o Ceo vão remontando :  
 Mesmo a voz deste languido doente  
 Tenho ouvido entre os mais gostosamente  
 Mandar do Mundo á mais distante méta  
 O nome do Illustrissimo Calheta.

O Conde então se ergueo como fugindo  
 Aos louvores , que se hião repetindo ,

Que

Que faz tanto de graça os seus favores,  
Que nem acceita o preço dos louvores.

Pasmai-vos, avarentos, e vaidosos,  
Que do cofre, ou do fasto cuidadosos  
Não ha humano algum, que vos importe,  
Que tenha longa vida, ou breve morte;  
Senão são esses miseros mortais,  
De quem ricas heranças esperais:  
Sejão das vossas almas os modéllos  
Os magnanimos pios Vasconcellos.

A amizade, a saude, e arte  
Rodeião d'hu'a parte, e d'outra parte  
Ao affustado Caldas: vai dispondo  
Hu'a o animo; as outras vão compondo  
Os turbados humores: a doença  
Nas fuscas azas pelo ar suspença  
Se alonga mais, e mais de junto ao leito.  
Entra a alegria a habitar no peito  
Donde os sustos, e dores o expulsarão,  
Que tambem co'a doença ao ar voarão.

Voz sonora outra vez sahe da garganta,  
E ao som da doce Lira o Caldas canta  
Nome dos Protectores, e do amigo,  
Que o soccorrêrão no maior perigo.

Piedade dos Illustres Protectores,  
Tu és digna de altíffimos louvores:  
Sabio, e destro Martins o Ceo te ajude,

Tu seguras ao Caldas a faude.

Amavel Gratidão, tu que influíste  
 Canto alegre depois de pranto triste,  
 E descançaste os ais, que eu derramara,  
 Dá-me hum tom nunca ouvido, e voz mais clara,  
 Que a voz desse, que dizem que descendo  
 Ao Reino de Plutão escuro, e horrendo  
 A roda de Ixião fez que parasse,  
 E Sizião sem pedra descançasse,  
 E no Tartareo berço da agonia  
 Fez que os raios se vissem da alegria.

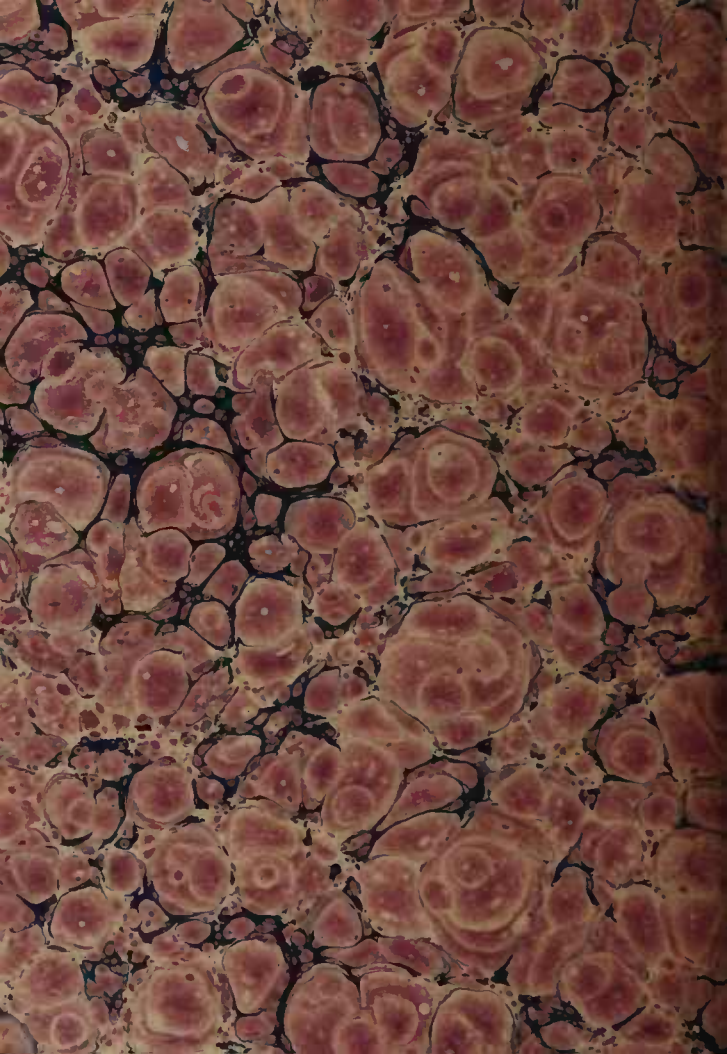
Se a contigo, benevola virtude,  
 Então poderei, bem que inda não pude -  
 Descubriendo do Caldas grato o peito,  
 Mostrando alli o teu suave effeito,  
 Expôr dos Vasconcellos o Elogio,  
 Que vou tecendo em bem urdido fio:  
 Desempenhar-me a mim, desempenhar-te,  
 E espero que me ajude engenho, e atc.

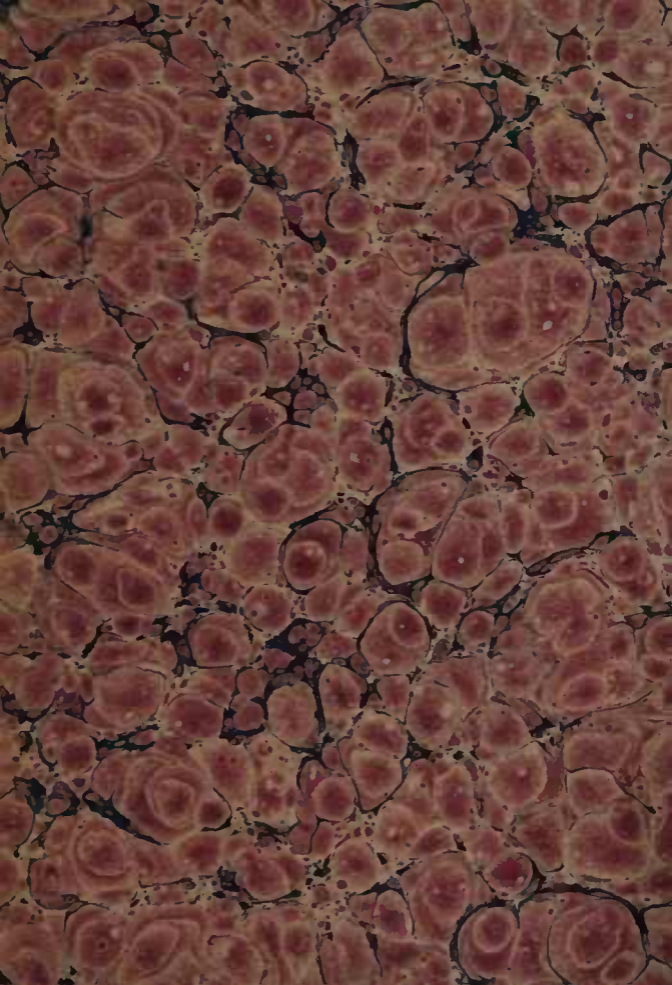
F I M.













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).